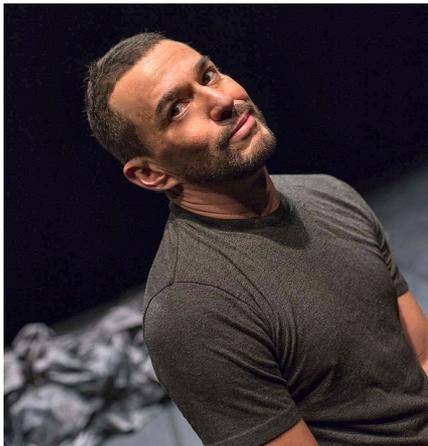


Quem é Cláudio Bernardo

Fonte: produção executiva do espetáculo “Parabach – peça para seis bailarinos”



O dançarino e coreógrafo Cláudio Bernardo nasceu em Fortaleza. Sua história começa quando seus pais se conhecem em um baile, casam-se e continuam bailando, aos fins de semana, como um prazeroso ritual. Ainda adolescente, no auge da discoteca, Cláudio Bernardo ganhou concurso de dança, junto com a irmã. Um professor assistiu à apresentação dos dois na TV e se interessou em dar aula ao casal. Aos 17, Cláudio Bernardo foi morar em São Paulo, onde estudou no Ballet Staging e recebeu o convite para trabalhar na companhia.

Autodidata, estudou profundamente Psicologia. Aos 21 anos, começou a coreografar. No início dos anos 80, encontrou o coreógrafo Victor Navarro e trabalhou três anos com ele. Em 1986, conheceu Maurice Béjart, dançarino e coreógrafo francês e ficou estudando na escola Béjart Ballet Lausanne. Ganhou um concurso de jovens coreógrafos e voltou para Bruxelas, onde integrou um movimento de dança contemporânea belga. Foi ali que fez sua primeira coreografia e turnê internacional: “Vita Nostra”. Em Bruxelas, também trabalhou com Frédéric Flamand, da Refinaria Plan K. Em 1990, ainda mais livre e original, quis voltar ao Brasil. Ao estudar o movimento dos trabalhadores de Serra Pelada, descobriu um outro Brasil e criou o espetáculo que o projetou definitivamente na dança: Usdum, vencedor do prêmio europeu Sociedade dos Autores de Artes Dramáticas, em 1991. Em seguida, fundou sua própria companhia, *As palavras*, cuja inspiração, como o nome indica, é a literatura. De lá para cá, 40 coreografias. Em 2010, “O assalto do céu” ganhou o prêmio de melhor espetáculo do ano, da imprensa de Bruxelas.

A busca pela espiritualidade é um elemento cada vez mais constante em suas coreografias: “O que importa é a travessia, não a chegada”, diz Cláudio Bernardo. Entre a literatura e a espiritualidade, o dançarino lê de Franz Kafka a Fernando Pessoa, de Michel Tournier a Santa Teresa D’Ávila e a biografia de São Francisco de Assis. O amor à cultura, anterior à dança, é o que o impulsiona a imaginar espetáculos como “*ParaBach – peça para seis bailarinos*”, que criou em homenagem aos dez anos da Paracuru Companhia de Dança: “Eu acredito que a beleza pode salvar o mundo. E a peça traz essa sensibilidade, a vontade de ver e viver melhor, de alcançar o sublime”, descreve Cláudio Bernardo, um dançarino e coreógrafo aclamado mundialmente, que redescobre a arte universal em uma aldeia de pescadores do litoral cearense e nos concertos do compositor alemão Johann Bach, unindo-os.

A identidade cearense e o conceito de beleza que permeiam toda a coreografia foram vistas gratuitamente em Fortaleza e também em festivais de dança de Cuba, Argentina, Colômbia, Uruguai, Panamá e Costa Rica. Cláudio Bernardo também criou “Caim” (1988), “Equus” e “História do sal” (1990), “Serra”, “A última ceia” e “Sodoma” (1991), “Dilatatio” e “Raptus” (1992), “Vá” (1993), “Ilagik”, “Cidades Invisíveis” e “A voz humana”, (1994), “Três poemas” (1995), “Geometria do abismo” (1996), “Systole”, “O jardim de graves e agudos” e “The Girl and death” (1997), “Incandescência” e “O fauno” (1999), “The rite – o sacrifício” e “Meu sagrado coração, o bêbado” (2001), “Paixão” (2002), “Off key” (2003), “The Waves” (2004), “A biblioteca EMDP” (2006), “Identificazione de una donna” (2008), “O assalto aos céus” (2009) e “Essa tempestade” (2011). “Eu faço as peças em cima das pessoas, como elas são”, afirma o coreógrafo, que já fez um novo projeto solo em forma de auto-retrato “Só20” (2013) em comemoração aos 20 anos da sua companhia As Palavras e prepara “D. Giovanni” (2017).